

A PRÁXIS EMANCIPATÓRIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: DIÁLOGOS ENTRE A ESCOLA TERRA NOVA, O MAB E O TRABALHO COOPERADO

Keyla Morales de Lima Garcia ¹

RESUMO

O presente trabalho discute a Educação do Campo como um movimento social e pedagógico que busca a transformação da realidade e a emancipação humana. O referencial teórico-metodológico é a análise bibliográfica, que embasa a discussão sobre a formação política a partir da pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani, do materialismo histórico-dialético de Karl Marx e da pedagogia da práxis de Paulo Freire. A pesquisa tem como foco a Escola Estadual Terra Nova, localizada em Mato Grosso, que adota a Metodologia da Alternância, e sua profunda articulação com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). A proposta pedagógica da escola entende a Educação do Campo como um campo de lutas, onde a formação humana e a emancipação política são construídas na práxis, a partir de saberes acadêmicos (saber elaborado) e das experiências dos movimentos sociais (leitura de mundo). O estudo demonstra como a escola, ao valorizar o trabalho cooperado como princípio educativo e eixo ontológico, contribui para a formação de uma consciência crítica e a compreensão das contradições da sociedade capitalista. Essa práxis formativa se alinha diretamente às lutas do MAB, reforçando a centralidade dos movimentos sociais nos processos de educação e emancipação. A articulação entre a Educação do Campo, a Metodologia da Alternância e a práxis do MAB oferece um potente modelo de formação humana, capacitando os sujeitos a se tornarem intelectuais orgânicos capazes de transformar a si mesmos e o mundo ao seu redor, superando a alienação do trabalho.

Palavras-chave: Educação do campo, Trabalho cooperado, Formação política, Metodologia da Alternância.

INTRODUÇÃO

A Educação do Campo, no Brasil, não se resume a uma modalidade de ensino, mas emerge como um campo de lutas e uma proposta pedagógica que se contrapõe à lógica hegemônica e capitalista da educação (Caldart, 2000). Este artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica e documental em andamento, propõe-se a discutir a intrínseca articulação entre a práxis pedagógica e a práxis social na formação humana e política dos sujeitos do campo. O foco analítico recai sobre a experiência da Escola Estadual Terra Nova, localizada no estado de Mato Grosso, que adota a Metodologia da Alternância e está profundamente imbricada com as lutas do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o princípio do trabalho cooperado. O problema central que norteia este trabalho

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, kmoralesdelima@gmail.com.



é: de que maneira a articulação dialética entre a Educação do Campo, a Metodologia da Alternância, a vivência do trabalho cooperado e a práxis política do MAB potencializa a formação humana e a emancipação dos sujeitos, efetivamente superando a lógica da alienação capitalista?

A relevância deste estudo reside na análise de um modelo educativo que, intencionalmente, busca romper com a dicotomia histórica entre teoria e prática, entre trabalho manual e trabalho intelectual, promovendo a construção da consciência crítica a partir da experiência concreta da luta e da produção coletiva. O objetivo geral é demonstrar como a práxis desenvolvida na Escola Terra Nova e no MAB se alinha e concretiza os referenciais da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2011) e as lutas por hegemonia (Gramsci, 2004), materializando uma educação dialógica e transformadora (Freire, 2011).

A discussão se estrutura em três eixos principais: o aprofundamento do referencial teórico da filosofia da práxis; a contextualização do MAB e da Metodologia da Alternância; e a análise da práxis concreta na Escola Terra Nova, enfatizando o trabalho cooperado. Por fim, o trabalho apresenta as considerações finais acerca dos achados e das potencialidades desse modelo de formação humana emancipatória.

METODOLOGIA

O presente trabalho adota o referencial teórico-metodológico da análise bibliográfica e documental, alinhado à perspectiva do materialismo histórico-dialético e, no campo da educação, à pedagogia histórico-crítica. A análise bibliográfica permitiu a construção da fundamentação teórica robusta a partir de pensadores como Marx e Engels, Gramsci, Freire e Saviani. Tais autores são essenciais para a compreensão das categorias analíticas centrais: trabalho, alienação, luta de classes, hegemonia e a educação enquanto ato político e social. A abordagem dialética orienta a compreensão dos fenômenos sociais em sua totalidade e contradição, especialmente o conflito entre o modelo educacional capitalista e as propostas emancipatórias.

A pesquisa se ampara na análise da experiência pedagógica e social da Escola Estadual Terra Nova (MT), que é amplamente documentada na literatura sobre Educação do Campo, especialmente em sua relação com o MAB. A experiência da escola e do MAB é tomada como o *lócus* empírico e um estudo de caso para exemplificar e discutir a concretude da práxis emancipatória. Assim, os dados e as discussões são construídos a



partir da literatura existente sobre a escola, as organizações dos atingidos e a Educação do Campo em Mato Grosso, articulando-os aos pressupostos teóricos estabelecidos.

Essa abordagem metodológica permite validar as categorias analíticas (alienação, consciência, práxis, trabalho cooperado) na vivência real de um movimento social, conferindo concretude à análise. A pesquisa não envolveu coleta direta de dados com sujeitos humanos, sendo dispensada a aprovação em comitês de ética, mas observa-se rigorosamente a ética na referência a todas as fontes consultadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico central deste artigo assenta-se na filosofia da práxis, que entende o ser humano como um ser que se constrói e transforma a realidade por meio da ação consciente. A práxis (ação-reflexão-ação) é o ato de transformar o mundo e, ao mesmo tempo, transformar a si mesmo.

Karl Marx e Friedrich Engels estabeleceram o trabalho como a atividade ontológica (aquela que define a essência) do ser humano. "O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. Estes indivíduos distinguem-se dos animais no momento em que começam a produzir os seus meios de subsistência" (Marx; Engels, 2007, p. 24). O ser humano é o único animal capaz de projetar o resultado de sua ação e objetivar sua essência na natureza. No entanto, com o desenvolvimento da propriedade privada e, sobretudo, com a ascensão do modo de produção capitalista, essa essência ontológica é subvertida.

O trabalho deixa de ser uma atividade de auto-realização para se tornar uma mercadoria, submetida à lógica da acumulação. O trabalhador, ao vender sua força de trabalho em troca de um salário, submete-se à lógica implacável da mais-valia, que é o valor excedente não pago, apropriado pelo capitalista como lucro (Marx, 2013). A maior expressão dessa subversão é a alienação. Em Manuscritos Econômico-Filosóficos, Marx detalha a alienação em quatro dimensões fundamentais que corroem a humanidade do trabalhador:

1. **Alienação do Produto do Trabalho:** O produto do trabalho é retirado do controle do trabalhador e se torna uma força alheia e hostil. O objeto criado domina o criador.
2. **Alienação da Atividade Produtiva:** O trabalho, que deveria ser a atividade vital, se torna um meio forçado de subsistência. O trabalhador se sente à vontade apenas nas funções animais (comer, beber, procriar), e não nas funções humanas (o trabalho criativo).



3. Alienação do Ser Genérico (Espécie Humana): O ser humano perde a capacidade de exercer o trabalho consciente e livre (sua essência genérica), sendo reduzido a um instrumento de produção.

4. Alienação do Outro Homem: A alienação do produto e da atividade leva ao conflito entre os indivíduos. As relações sociais são mediadas pela mercadoria e pelo capital, tornando os indivíduos estranhos entre si.

Essa lógica é reforçada pela organização do trabalho, como o taylorismo, que intensificou a exploração e a fragmentação do trabalho, impedindo que o trabalhador tenha uma visão integral do processo produtivo (Antunes; Pinto, 2017). A realidade descrita por Carolina Maria de Jesus *em Quarto de Despejo* (2014) ilustra de forma visceral as consequências da alienação, onde a busca por trabalho precário reflete a perda de perspectiva de realização e a subordinação absoluta à lógica da acumulação.

A superação da alienação do trabalho exige uma redefinição radical da educação. O sistema escolar tradicional, historicamente, serviu como aparelho ideológico do Estado (Althusser, 1980), reproduzindo a ideologia dominante e a subordinação de classe (Mészáros, 2005). Dermeval Saviani (2011), com a Pedagogia Histórico-Crítica, propõe uma alternativa que resgata o trabalho enquanto Princípio Educativo, em contraposição à simples formação profissional capitalista.

Para Saviani (2011), a educação deve ter como foco o acesso ao saber elaborado (o conhecimento sistematizado e historicamente acumulado pela humanidade) para que o indivíduo singular possa incorporar a humanidade produzida coletivamente. A Pedagogia Histórico-Crítica propõe cinco passos metodológicos que buscam romper com a reprodução e promover a transformação social:

1. Prática Social Inicial: É o ponto de partida, onde se constata a realidade e a *leitura de mundo* do aluno.
2. Problematização: Seleção dos problemas e contradições presentes na prática social inicial que exigem conhecimento científico para serem compreendidos e transformados.
3. Instrumentalização (Catarse Menor): É o momento de apropriação dos instrumentos teóricos e práticos (o saber elaborado) necessários para a compreensão dos problemas.
4. Catarse (Catarse Maior): É a fase de superação do saber sincrético (senso comum) pelo saber elaborado. É a elevação da consciência do singular para o universal, apropriação crítica do conhecimento.



5. Prática Social Final: O retorno à prática social inicial, agora transformada pela consciência crítica e o saber elaborado, resultando em uma nova e mais elevada práxis.

Essa pedagogia fornece o fundamento ontológico e o conteúdo para a Educação do Campo: é o que se deve ensinar (a crítica radical da sociedade) para formar sujeitos que dominem os instrumentos de análise da realidade.

O pensamento de Antonio Gramsci (2004) é vital para compreender a dimensão política e organizacional da Educação do Campo e dos movimentos sociais. Gramsci defende a Escola Unitária para unificar o ensino manual e intelectual, formando sujeitos completos. O objetivo maior é a formação do Intelectual Orgânico. O intelectual orgânico é aquele que, diferentemente do intelectual tradicional (desligado das classes fundamentais), atua como um pensador e organizador de sua própria classe (trabalhadores, camponeses), auxiliando-a a conquistar a hegemonia cultural, ideológica e política.

A hegemonia é a capacidade de uma classe de exercer a liderança sobre as classes aliadas e de obter o consenso das massas. A Educação do Campo e o MAB buscam, por meio de sua práxis educativa e política, formar esses intelectuais orgânicos, que são capazes de interpretar a realidade do campo e, em seguida, organizar a base social para a luta e a construção de um projeto de vida alternativo. Eles são os agentes de contra-hegemonia necessários para desafiar o bloco de poder dominante do agronegócio e do capital financeiro.

A contribuição de Paulo Freire (2011), com a Pedagogia do Oprimido, complementa a estrutura teórica, fornecendo a chave metodológica e o conceito de Conscientização. A conscientização é o processo de aprofundamento da consciência sobre a realidade social, que passa da Consciência Ingênua (fatalista, acrítica, que aceita a opressão como natural) para a Consciência Crítica (que reconhece as estruturas de dominação e busca a transformação).

A metodologia freiriana da práxis (ação-reflexão-ação), baseada no diálogo e nos Círculos de Cultura, parte da realidade concreta do educando (sua *leitura de mundo* e seus temas geradores) para, então, levar à análise crítica e à ação transformadora. A articulação epistemológica necessária na Educação do Campo, portanto, é a seguinte: a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani fornece o *que* se deve aprender (o saber elaborado e a crítica ontológica), e a Pedagogia do Oprimido de Freire fornece o *como* (o diálogo, a metodologia da práxis e o processo de conscientização) para que o saber se torne um instrumento de libertação.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Estadual Terra Nova, ao adotar a Metodologia da Alternância e ao se vincular historicamente à luta dos Atingidos por Barragens em Mato Grosso, concretiza de forma exemplar a síntese teórica da filosofia da práxis. E nela há vários elementos pedagógicos que podem ser encontrados em movimentos sociais como MAB, como a interação entre os tempos educativos.

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) é um movimento social que nasce da resistência às grandes obras hidrelétricas, as quais, em nome do "desenvolvimento" capitalista, promovem a expropriação de terras, a destruição de comunidades e a miséria.

O MAB atua como um autêntico sujeito educativo por meio da prática da luta. A organização do MAB não se limita à reivindicação de direitos (como indenizações), mas se estrutura em torno de um projeto político mais amplo: a soberania energética e a defesa dos bens comuns. A práxis do MAB (organização de assembleias, mobilizações, *escolas de formação* e ocupações) é a própria materialização da Pedagogia da Práxis.

A luta no MAB é o Tempo Comunidade em sua forma mais intensa. Nela, a experiência da exploração (o desterro, a injustiça) é o ponto de partida (Prática Social Inicial, Freire), que se transforma em problema a ser resolvido. A mobilização exige dos atingidos apropriação de conhecimentos jurídicos, técnicos, históricos e econômicos (Instrumentalização, Saviani), elevando a consciência de um fatalismo individual para uma consciência de classe coletiva (Catarse, Freire/Saviani).

A Metodologia da Alternância é o dispositivo pedagógico que permite à Escola Terra Nova integrar a luta social em seu currículo, rompendo com a escola tradicional que segmenta o conhecimento do cotidiano. A MA se estrutura em dois espaços-tempo:

- Tempo Escola (TE): Focado na apropriação do saber elaborado. É onde a crítica marxista à alienação é estudada, onde os processos de luta do MAB são analisados à luz da sociologia e da história, e onde a agroecologia é aprendida como ciência (Instrumentalização).
- Tempo Comunidade (TC): Focado na Prática Social e na leitura de mundo. É o momento em que o estudante retorna à comunidade e participa ativamente das



atividades produtivas (trabalho cooperado) e das mobilizações do MAB. É o momento de confrontar a teoria com a realidade (Prática Social Final).

Essa alternância gera um processo cíclico e dialético que impede a alienação do conhecimento. O estudante não apenas *aprende* sobre a luta, mas *luta* e, ao lutar, reflete criticamente sobre o que aprendeu. Essa dinâmica está alinhada ao imperativo pedagógico da Educação do Campo (Bezerra Neto, 2016).

O elemento mais crucial para a superação da alienação do trabalho, conforme a crítica marxista, é a adoção intencional do trabalho cooperado (ou associado) como princípio educativo. A Escola Terra Nova promove atividades produtivas agroecológicas organizadas coletivamente. Ao contrário do trabalho capitalista, onde o trabalhador é separado do produto e do controle do processo, o trabalho cooperado no MAB e na escola permite que os alunos:

1. Restabeleçam o Elo Ontológico: Os alunos planejam, executam e se apropriam coletivamente dos resultados de sua produção. O produto do trabalho não é uma mercadoria vendida para gerar mais-valia a terceiros, mas sim um valor de uso que sustenta a comunidade ou é comercializado dentro da lógica da economia solidária. O trabalho retoma sua essência de ato criativo e de auto-realização.
2. Concretizem a Escola Única do Trabalho: A união entre o ensino teórico (agroecologia, administração cooperada) e o trabalho manual (cultivo, manejo, processamento) materializa o ideal gramsciano de Escola Unitária e a proposta da Escola Única do Trabalho de Freitas (2010). O trabalho produtivo é o laboratório de análise crítica da realidade.
3. Desenvolvam a Consciência Crítica: A cooperação exige diálogo, planejamento e responsabilidade mútua. A gestão coletiva do processo produtivo desenvolve as capacidades humanas e sociais (solidariedade, organização, liderança) que são atrofiadas no trabalho individualista e fragmentado do capitalismo. O resultado é a formação de sujeitos críticos e autônomos, capazes de se organizarem para a contra-hegemonia no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da práxis desenvolvida pela Escola Estadual Terra Nova em Mato Grosso, em diálogo estreito com as lutas do Movimento dos Atingidos por Barragens



(MAB) e a valorização do trabalho cooperado, confirma que a Educação do Campo é, em sua essência, uma pedagogia de luta, de resistência e de emancipação humana.

O referencial teórico da filosofia da práxis, articulando Marx (crítica ontológica da alienação), Saviani (o trabalho como princípio educativo e acesso ao saber elaborado), Freire (práxis e conscientização dialógica) e Gramsci (formação do intelectual orgânico e hegemonia), demonstrou ser um aparato analítico crucial para a compreensão desse fenômeno. A Metodologia da Alternância é o dispositivo pedagógico que materializa a dialética entre a teoria e a realidade (Prática Social Inicial e Prática Social Final), crucial para a formação da consciência crítica.

O trabalho cooperado, por sua vez, emerge como o princípio educativo que nega diretamente a exploração e a alienação capitalista. Ao permitir que os sujeitos se apropriem coletivamente dos meios e dos produtos de sua produção, a escola e o MAB estão, na prática, construindo uma alternativa ontológica ao trabalho alienado.

A experiência analisada aponta, inequivocamente, para a centralidade dos movimentos sociais, como o MAB, nos processos de formação humana. A luta política é o campo de vivência que eleva a consciência, tornando o sujeito capaz de se organizar, resistir e atuar como o Intelectual Orgânico de sua classe, liderando a luta pela hegemonia no campo.

O modelo da Escola Terra Nova, portanto, oferece um potente caminho para a formação de sujeitos que não apenas *sabem* sobre as contradições do capital, mas *agem* sobre elas, reforçando a urgência de uma educação que seja, de fato, um projeto social e político transformador.

Como prospecção, sugere-se a continuidade da pesquisa com o aprofundamento da investigação dos impactos práticos de longo prazo do trabalho cooperado na sustentabilidade econômica e política das comunidades envolvidas. A articulação entre Educação do Campo, MAB e a consolidação da Economia Solidária apresenta-se como um fértil campo para novas pesquisas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes pela bolsa de doutorado, e ao programa de pós graduação em Educação da UFUSCar, aos estudantes e professores da Escola Terra Nova, aos integrantes do MAB, a toda equipe do CONEDU e um agradecimento especial à minha família.



REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ANTUNES, Ricardo e PINTO, Geraldo Augusto. **A fábrica da educação**: Da especialização taylorista à flexibilidade toyotista. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

BEZERRA NETO, Luiz. **Educação rural no Brasil**: do ruralismo pedagógico ao movimento por uma educação do campo. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: Escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: Ser, Saber e Fazer**. 14. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

EUZÉBIOS FILHO, Antônio. Primórdios da Consciência: a consciência “em si” e “para si”. In: **Sujeito e Consciência: entre alienação e a Emancipação**. Tese de Doutorado. Campinas: PUC. 2010.

FERRETTI, Celso. **Conceito de trabalho**: Uma nova proposta de orientação profissional. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Luiz C. A escola única do trabalho: explorando os caminhos de sua construção. In: **Cadernos do ITERRA**, Ano VII, Nº14, II Seminário Nacional O MST e a Pesquisa. 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2014.

MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O Capital - Livro I – crítica da economia política**: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **Orientações Curriculares para a educação do campo no estado de Mato Grosso**. Cuiabá, MT: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso, 2007.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 34, ANPED. 2007. São Paulo. p. 152- 165.



THOMPSON, E. P. **A formação da Classe Operária Inglesa III: A força dos Trabalhadores**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

